



PLANEJAMENTO E DIVERSIDADE: as mazelas da medicina social no ‘país da cordialidade’

Planning and diversity: social medicine problems in the “cordiality’s country”

Antonio Carlos Machado Guimarães^[a], Marco Antonio Villarta-Neder^[b]

^[a] Doutor em Ciências Sociais (Sociologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, leciona em cursos de graduação e coordena o Programa de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba em São José dos Campos, São Jose dos Campos, SP - Brasil.

^[b] Doutor em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, atua principalmente nos seguintes temas: Análise do Discurso, Filosofia da Linguagem, Literatura. São José dos Campos, SP - Brasil, e-mail: marcovillarta@yahoo.com

Resumo

O tema da relação público-privado há muito ocupa a pauta das Ciências Sociais brasileiras, tendo produzido clássicos como o livro *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Hollanda. Em obras como esta, enfatiza-se a dificuldade do brasileiro em assumir um comportamento regido por normas impessoais. Diante destas, são mobilizados expedientes como o “sabe com quem está falando” e o “jeitinho”, repondo as relações de pessoa na resistência a projetos que se dizem saneadores dos costumes. Em seu propósito modernizante, que se estende aos hábitos individuais, a Medicina Social teve muitas vezes de enfrentar a cordialidade e a rígida demarcação entre o público e o privado presentes na vida brasileira. Se, no plano da história, vamos encontrar essas forças agindo na “Revolta da Vacina”, no literário, encontramos no personagem Simão Bacamarte, da obra *O Alienista* que Machado de Assis publicara, na forma de folhetim, entre 1881 e 1882, o exemplo do choque entre duas éticas diferenciadas, a da cordialidade, definida por Sérgio Buarque de Hollanda e a do impulso planificador da Ciência Moderna.

Palavras-chave: Medicina social. Planejamento. Diversidade cultural. Ciência.

Abstract

*The issue of public-private relationship has long occupied by the staff of the Brazilian Social Sciences, having produced such classics as the book *Raízes do Brasil* by Sergio Buarque de Hollanda. In works like this, we emphasize the difficulty of Brazil to assume a behavior governed by impersonal rules. In front of them, are deployed expedients as the “you know with who he is talking to” and “jeitinho” by putting the relationship on the strength of*

individual projects that relate to healing customs. In its purpose studied, which extends to individual habits, the Social Medicine often had to face the warmth and rigid demarcation between public and private life in the United States. If, in terms of history, we find these forces acting in the "Revolt of the vaccine" in literature, we found the character Simon blunderbuss, the work O alienista that Machado de Assis published in the form of Serial, between 1881 and 1882, the example of the clash between two different ethical, that of cordiality, defined by Sergio Buarque de Hollanda and the pulse of modern science planner.

Keywords: Social medicine. Planning. Cultural diversity. Science.

INTRODUÇÃO

Pode parecer estranho trazer um texto de Machado de Assis para uma discussão sobre planejamento e gestão urbana. Tal escolha deveu-se, por um lado, às próprias origens dos esforços de normatização da vida urbana no Brasil da segunda metade do século XIX, que foi buscar seu código nos saberes da Medicina Social (COSTA, 1983), de outro, o fato de possuímos, fora da literatura, poucos estudos e documentação que descrevam o impacto das políticas adotadas no cotidiano de seus destinatários, bem como sua reação diante delas. Assim, se optamos pelo texto Machadiano, é porque nele encontramos a possibilidade de uma aproximação maior aos efeitos perturbadores que a atividade de planificação pode assumir, quando transplantada para um meio diverso daquele em que seus conhecimentos e valores foram constituídos. Em *O Alienista*, encontramos a ação de um homem isolado, não uma política pública *stricto sensu*. Contudo, ela reflete bem os impasses resultantes do confronto de mentalidades inscrito no transplante de certa racionalidade, ou melhor, nos esforços que se fazem neste sentido, para o cotidiano dos que são alvo das ações propostas.

Em *O Alienista*, o autor desvela padrões de comportamento da "cordialidade" em conflito com o racionalismo e formalidade próprios à ciência moderna. Há o exemplo da Revolta da Vacina (1904), em que a população da cidade do Rio de Janeiro opõe-se às intervenções modernizadoras do médico Oswaldo Cruz e do prefeito Edson Passos, expressando a dimensão que tal conflito pode assumir, bem como o contraste entre os valores que governam as políticas públicas e o universo cultural de seu público-alvo. Este antagonismo encontra antecedentes

no Segundo Império, quando cresce o papel da medicina no controle da população (COSTA, 1983). Leitor de seu tempo, mais de 20 anos antes daquela revolta, Machado de Assis publica *O Alienista* na forma de folhetim, entre 1881 e 1882. Nesse conto, o protagonista, Dr. Simão Bacamarte, também vai enfrentar a ira da população contra seus métodos científicos, aplicados ao que define como desequilíbrios da mente. Assim, se o conflito entre modernidade e tradição é tema recorrente na obra do escritor, em *O Alienista* vai ser traduzido na revolta da população de Itaguaí contra a normatização de comportamento pelas teorias de um médico que traz métodos científicos aprendidos em universidades europeias. Embora não haja no texto referências explícitas ao sanitarismo, é evidente a crítica feita à influência de médicos no controle social. A saga de Simão Bacamarte serve de alerta para os impasses relativos à adoção de uma prática médica que menospreza o Outro e seus padrões culturais, convertidos no imponderável que desafia a ação do cientista, em suas pretensões de previsão, planejamento e controle.

Mais que uma "metáfora", o texto de Machado de Assis adquire o caráter de um testemunho sobre os impactos de "políticas públicas" no cotidiano de uma população. Há, certamente, uma grande dose de exagero e ironia em sua narrativa. Isso faz parte do mister artístico. Revela, porém, um processo em curso naquela segunda metade do século XIX (aí sim, metaforizado no período anterior). Nesse sentido, é importante lembrar que a referência à Medicina também aparece naquela que talvez seja a mais conhecida obra do escritor, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nesta, o personagem-título busca curar a melancolia de seu tempo com o desenvolvimento de um emplastro. Ainda podemos lembrar, no mes-

mo romance, as considerações sobre as cores das borboletas, feitas por Brás, bem como seu repúdio a uma coxa, claras referências à Eugenia, pensamento dominante naquele período.

Tempos: a narrativa e a história

As referências à origem planificação da vida nas cidades brasileiras só muito raramente escapam de situá-las nas intervenções do Engenheiro Edson Passos na cidade do Rio de Janeiro. Dão relevo, é certo, ao seu parceiro de empreitada, o médico Oswaldo Cruz. Não há, contudo, uma referência ao período anterior, em que, particularmente na segunda metade do século XIX, a Medicina Social foi a grande disciplinadora da vida urbana no país, em especial no Rio de Janeiro do Segundo Império. No livro de Jurandir Costa Freire, *Ordem Médica e Norma Familiar*, esta prática é apontada como substituta do aparato jurídico e do serviço na constituição do padrão de sociabilidade urbana desejado (COSTA, 1983)

A primeira instituição dedicada à Saúde Mental que se tem notícia é o Hospital D. Pedro I, instalado em 1851 na cidade do Rio de Janeiro (RAMOS; GEREMIAS, 2006), contexto histórico muito distante da pequena Itaguaí do período colonial. Contudo, entendemos este anacronismo como um artifício, pelo qual se acentua o contraste entre práticas que se pretendem modernizadoras e um universo sociocultural refratário a mudanças.

A obra, portanto, aproximaria dois tempos, no sentido de revelar uma distância, muito mais cultural que cronológica, que separa o projeto da ciência moderna da herança colonial. É oportuno aqui discutir porque a alegoria se constrói sobre a situação da loucura. Nesse aspecto, a concepção do texto reflete um conhecimento sobre as concepções de doença mental, cura e as relações com o espaço terapêutico. A base de constituição do hospício ocupa, como destaca Foucault (1991), um espaço no imaginário europeu que estava reservado para os leprosos. Os leprosários se esvaziam, seus espaços físicos aguardam novas categorias que os preencham. Essas categorias vão se construir como um amálgama de indivíduos excluídos do processo econômico produtivo (mão-de-obra) cujos emblemas mais fortes são o louco e o miserável.

Concorrem também nessa disputa de concepções sociais, uma inter-relação loucura/sanidade e civilizado/primitivo. A loucura seria o *alter ego* da civilização, das sociedades mais evoluídas:

O aumento da civilização também concorre para aumentar o número de loucos; não porque os costumes sejam mais depravados, [...] mas sim porque a atividade da vida intelectual e os revezes da fortuna são tão freqüentes no meio dos movimentos rápidos de uma civilização avançada, quanto são raros nas sociedades novas ainda e pouco industriosas nas quais o homem, tendo satisfeito suas necessidades físicas, tranqüilo como qualquer outro animal, dorme no sono profundo da indiferença, até que novas necessidades se façam sentir (SILVA PEIXOTO apud MACHADO, 1978, p. 418).

Assim, a loucura não é simplesmente doença, mas não adaptação, não conformidade à sociedade que “evolui”, que se civiliza progressivamente. É na paixão, como relação entre indivíduo e sociedade, “simples fenômeno da economia animal”, a partir das visões de Crichton, comentadas por Pinel, no final do século XVIII, que reside a mola propulsora da loucura. A esse “desvio” civilizatório, cabe um tratamento especial, diferente das outras doenças. Primeiro, é necessário categorizar as paixões. Já na primeira metade do século XIX, sob a inspiração de um modelo classificatório que exprime as convicções de um ideário cartesiano-positivista, Esquirol desenvolve os pressupostos de Pinel e Crichton:

As primeiras necessidades do homem, limitadas àquelas de sua conservação e de sua reprodução provocam as determinações do instinto; um impulso interno nos leva a satisfazê-las; necessidades secundárias ligam-se às primeiras e os desejos por elas excitados adquirem tanto mais força quanto são os meios que temos para satisfazê-los; eles produzem as paixões primitivas; finalmente, há necessidades que não têm nenhuma relação com a nossa conservação; são frutos de nossa inteligência desenvolvida e da civilização; elas engendram as paixões factícias; são essas paixões que causam mais mal ao homem, sobretudo na classe elevada da sociedade (MACHADO, 1978, p. 421).

Há uma classificação biologizante da loucura, tanto por estender para a psiquiatria um

modelo classificatório complexo, tido como pressuposto do entendimento dos fenômenos, quanto por se desconsiderarem as relações sociais complexas, descontínuas e fragmentárias de que os indivíduos participam. O louco será deslocado de um espaço indistinto num hospital comum, para uma disciplina classificatória do espaço-outro do hospício. Classificação simétrica às categorias das paixões e assim o louco continua “depositado”, num espaço de confinamento que isola os sexos, hierarquiza as paixões, disciplina a circulação e a visão dos corpos:

A circulação regulamentar - que as imperfeições arquitetônicas em si mesmas impossibilitam causando a indisciplina - tem como fundamento a idéia de Esquirol de que ‘o plano de um hospício de alienados não é algo indiferente que se possa abandonar aos arquitetos’. E a razão é que [...] o hospício é um ‘instrumento de cura’; no hospício o que cura é o próprio hospício, é a organização do espaço e a conseqüente localização do indivíduo em seu interior (MACHADO, 1978, p. 434).

Isolar simplesmente o louco é considerado como processo que alimenta a loucura. Importa confinar de acordo com o **mesmo** sexo, a **mesma** classe, o **mesmo** tipo de comportamento. Essa “alteridade do mesmo” não está desvinculada do principal recurso terapêutico do hospício. A disciplina do confinamento espacial pressupõe a do uso do tempo, via trabalho. À medida que o louco convive com outros de sua própria condição, recoloca-se na configuração social de que, de alguma forma, se desviou, numa incapacidade de adaptação do processo civilizatório. O hospício retrojeta, assim, a conformação da sociedade: “Não se terá os ricos nos trabalhos das oficinas, dos jardins, ou nos serviços do hospício, que são trabalhos de pobre [...] o trabalho do rico será a diversão” (MACHADO, 1978, p. 442).

Podemos identificar, tanto na Medicina Social quanto nos modelos teóricos de discussão e proposição de cura para a loucura (Pinel, Crichton, Esquirol), utilizados no decorrer do século XIX, uma normatização de costumes, terapêutica que leva em conta a relação entre indivíduo e sociedade. Isso já justificaria a alegoria machadiana. No âmbito da discussão dos conflitos de valores culturais, tanto a terapêutica da loucura quanto a Medicina Social exibem uma

arena de antagonismos quanto às relações entre público e privado, indivíduo e sociedade. Neste sentido, buscamos identificar na figura do Dr. Bacamarte uma alusão aos problemas enfrentados pela Medicina Social ao emergir num meio urbano onde persistem padrões de comportamento caracterizados pelo personalismo, pela prevalência do privado sobre o público e, em decorrência, pela aversão ao formalismo, com suas regras universais e impessoais (BUARQUE de HOLANDA, 1967). Os critérios da Ciência são outros: coloca-se na busca por leis universais; o que, no texto machadiano, transparece na construção de modelos abstratos de normalidade pelo Dr. Simão Bacamarte, menosprezando a especificidade sociocultural da comunidade.

À população de Itaguaí é aplicável o conceito de Cordialidade (BUARQUE de HOLANDA, 1967), em que são ressaltados os traços de personalismo e de recusa à formalidade nas relações. Segundo o autor, oriundos de nossa formação histórica, estes seriam dominantes na cultura brasileira, reagindo fortemente a tentativas de normalização dos comportamentos, dado o nosso débil espírito público e sentimento de solidariedade para além do círculo familiar de nossas relações mais imediatas. Assim, na primeira parte do conto podemos perceber a cordialidade na base do antagonismo a Simão Bacamarte. Considerando que sua prática médica consiste na aplicação de regras impessoais, desconsiderando os atributos individuais de seus “pacientes”, seus padrões abstratos de normalidade vão de encontro ao personalismo presente naquela comunidade.

Resumindo, a saga de Simão e seus estudos sobre a loucura é uma história pontuada por conflitos que revelam a diferença entre os valores que animam os atos do médico e os próprios àquela comunidade. Em *O Alienista*, o descompasso entre as novas ideias e um conjunto de relações sociopolíticas tradicionais se evidencia com o deslocamento da intervenção da Medicina Social para uma pequena comunidade da colônia, onde é possível ver com maior transparência traços de uma cultura ainda enraizada no Império.

Voltamos aqui à modernização da cidade do Rio de Janeiro, conduzida pelo prefeito Edson Passos e pelo sanitarista Oswaldo Cruz. Também eles se confrontaram com os padrões culturais da população – um vetor capaz de comprometer o sucesso na implantação de políticas públicas. Nes-

se sentido, temos a resistência ao ingresso dos almocetês nas residências, no exercício de tarefas de fiscalização, necessárias às medidas saneadoras projetadas. Se, como Habermas (1984) aponta na experiência europeia, a substituição da ordem feudal implicou na separação entre espaços público e privado no interior das residências, a mesma divisão é encontrada na residência brasileira. A sala, no Brasil da Colônia e Império, guardava-se como espaço de intimidade da família, mantida a varanda como espaço único de sociabilidade da família com as pessoas do mundo externo. Ainda hoje encontramos a mesma resistência a conformar o privado às ideias de público e “bem comum”. A dificuldade enfrentada por agentes de saúde em campanhas como a da dengue atesta a persistência de tais padrões na atualidade. Nesse sentido, a demolição do morro do Castelo e a “Revolta da Vacina”, no início do século XX, e a ficcional revolta dos cidadãos de Itaguaí, descrita por Machado, são emblemáticos da agudização dos conflitos engendrados pela diferença de padrões culturais, revelando-a como importante condicionante da trajetória das políticas públicas em nosso país que, ao abandonar a fase do projetado, confronta-se com saberes e valores distintos dos planejadores.

O lugar social d’O Alienista

Embora natural de Itaguaí, Bacamarte encontra-se numa condição próxima à de um estrangeiro em sua própria terra. Interrogamos sobre o lugar que este médico vai ocupar naquela sociedade, considerando seus valores e padrões de comportamento próprios de um europeu.

Numa primeira aproximação, percebe-se em Simão Bacamarte uma posição análoga à de um índio Bororo, Tiago Marques Aipobureu. Transformado em seus padrões culturais, Tiago passa a sofrer problemas sérios de adaptação no regresso. Em parte pela perda de conhecimentos fundamentais naquela cultura; em parte por mudanças em sua visão de mundo (FERNANDES, 1967). Destarte, a cultura que traz de fora se converte em obstáculo à sua reinserção no grupo, jogando-o para uma condição de marginalidade. Há, contudo, uma diferença significativa entre a posição do bororo Tiago e a de Simão Bacamarte. Se os conhecimentos adquiridos com os brancos não são prestigiados pelo grupo indígena, em

contraste, Simão domina um conhecimento que, no plano ideal, é valorizado pela comunidade de Itaguaí. Contudo, seu comportamento cotidiano é alvo de comentários maldosos, revelando uma diferença profunda de padrões culturais entre Simão Bacamarte e os Itaguaienses.

Em *Raízes do Brasil* (BUARQUE de HOLANDA, 1967), encontramos definidos os tipos-ideais de Trabalhador e Aventureiro, este último dominante em nossa formação como nação. O diferencial entre ambos se situa na adoção de um esforço metódico na concretização de seus objetivos, elemento ausente no aventureiro, que se caracteriza por uma atitude predatória, com vistas no lucro imediato. No plano do conhecimento, dados o personalismo e ausência de espírito público, este se volta unicamente à aquisição de *status* dentro da sociedade. Ostentar o “anelão” e fazer uso de uma retórica vazia refletem o lugar de um intelectual distante da realidade e dos problemas de seu meio social (BUARQUE de HOLANDA, 1967).

Esta é a expectativa ferida pelo comportamento de Simão Bacamarte. Mesmo mantendo um resquício de vaidade em seus propósitos, ele atribui finalidade pública a seus esforços e, diferente de nossos intelectuais criticados por Sérgio Buarque, busca ajustar sua teoria na observação do impacto que provoca naquele meio. O lugar social que passa a ocupar em Itaguaí reflete a diferença entre o modo como aquela comunidade se representa (um ideal europeu) e a forma como ela realmente funciona. Assim, o tipo trabalhador do médico não escapa a comentários, que expressam o estranhamento da comunidade, sem que, naquele momento, a tensão assumida a forma de um conflito aberto. Assim, embora Simão Bacamarte não se encontre na mesma condição do índio Tiago, tendo em vista a posse do “anelão” e o que ele significa em termos de prestígio em sua sociedade, não é totalmente incorreta a afirmação de sua posição marginal em Itaguaí. Será deste lugar de certo modo ambíguo, que ele vai observar o comportamento de seus conterrâneos para elaborar suas teorias sobre a loucura.

Nesse ponto coloca-se a questão sobre o que move o interesse do médico pelos estudos da mente, considerando que vários anos separam o retorno de Simão a Itaguaí e o despertar de seu interesse pela “loucura”. Tal interesse, acreditamos, é catalisada pela incapacidade da ciência

em responder ao seu desejo de paternidade e como este é de certa forma prejudicado pelos hábitos, particularmente os gastronômicos, da população de Itaguaí. A princípio, é interessante salientar que sua opção matrimonial se dá pelo viés eugenista. Respondendo a seu tio, admirado com sua opção de casar com:

D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática, Simão evoca a futura descendência, reafirmando os valores próprios a um cientista e sua ética do trabalho: Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem [...] apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes (ASSIS, 1984, p. 9).

Contudo, o fato de Evarista não vir a engravidar introduziu um elemento de incerteza no saber médico em que Simão se apoiava; um erro de previsão que ele vai buscar corrigir no próprio terreno do conhecimento científico de sua época. Assim, revê clássicos, cristãos e muçulmanos, corresponde-se com universidades europeias e, por esta via, chega a uma dieta que sua esposa deveria seguir. Seus esforços, contudo, esbarram na predileção que esta possuía pela carne de porco. Uma barreira cultural, de certo modo intransponível, que coloca o médico em conflito com os costumes da terra, dos quais tal iguaria faz parte.

No conto, este episódio precede o despertar de seu interesse pelos estudos da mente. Estamos, portanto, ante um médico que pautou seus esforços pelos métodos científicos de sua época e, ao fracassar, não nega a ciência, mas reafirma-a e vai buscar o erro fora dela, nos costumes da população local. O médico, da terra e ao mesmo tempo estrangeiro, assume assim uma visão etnocêntrica na avaliação do comportamento de seus conterrâneos. Na mente de Simão somam-se frustração, incompreensão e percepção de irracionalidade dos comportamentos em desacordo com seus padrões. Daí, em sua primeira teoria, ele definir a razão como o “perfeito equilíbrio”, estabelecendo um absoluto a ser aplicado aos cidadãos de Itaguaí.

É necessário sublinhar que tal operação só se pode realizar contra a diversidade cultural. Não só porque relaciona a diferença ao irracional, definido de um ponto de vista etnocêntrico, mas por focar não os padrões do grupo, mas sim

o de indivíduos que passa a considerar como loucos. Em consequência, os modelos a que se apega são, de seu ponto de vista, representativos de normalidade entendida como parte da natureza humana e não da cultura.

A trajetória de Simão Bacamarte, de suas teorias e de sua inserção na comunidade

Anteriormente situamos o médico Simão Bacamarte numa posição em certo grau à margem da sociedade itaguaiense, dada a diferença de suas referências culturais. Noutros termos, na fronteira entre dois universos simbólicos distintos, o pensamento científico e a cultura da terra. Este lugar social em grande medida vai condicionar as mudanças em sua trajetória, especialmente em relação às suas posições teóricas. Medeia este relacionamento médico/comunidade o fato desta guardar, embora no plano ideal, o respeito e admiração pelo “anelão de doutor”.

Nos primeiros tempos de suas pesquisas da mente humana, as divergências com a população de Itaguaí eram pouco acentuadas. Havia alguma identidade de pontos de vista, à medida que Simão Bacamarte classificava como desequilibrados (e internava) aqueles que já eram segregados pela própria comunidade, mesmo partindo de concepções diferentes. Contudo, neste período já se percebe o estranhamento da comunidade:

[...] cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume; pediu licença à câmara para agasalhar e tratar no edifício que ia construir todos os loucos de Itaguaí e das demais vilas e cidades [...] (ASSIS, 1984, p. 10-11).

Os primeiros a ocupar a Casa Verde são personagens sem nome, reconhecidos apenas por suas obsessões e manias; expressão de sua condição à margem numa sociedade marcada por relações de pessoa. Já numa etapa posterior, a distância que separa os padrões de Simão dos daquela comunidade vão se tornar mais evidentes. Os internados agora têm nomes – Costa, Martim Brito, Evarista, esta própria esposa do médico -, evidenciando uma ação que atinge àqueles que possuem uma identida-

de na sociedade local. Tais interações causam espanto, revelando agora uma divergência de julgamento sobre os parâmetros da normalidade.

A princípio o conflito entre Simão Bacamarte e a comunidade de Itaguaí não aparece de maneira aberta. Antes, o comportamento do médico dá lugar a comentários que expressam a discordância da comunidade em relação a seus atos, buscando explicá-los por motivações secretas e pouco nobres. Antes de serem concebidos como atos de tirania, as interações do Costa, de sua prima ou, então, de Martim Brito eram explicados por antiga paixão do *Alienista* pela internada ou no ciúme de Simão, motivado por um discurso de Martim Brito dirigido a D. Evarista. O conflito aberto só vai aparecer quando a aplicação de sua primeira teoria sobre a loucura teve como resultado a internação da quase totalidade da população de Itaguaí. Poucos foram os que escaparam da classificação de louco aos olhos de Simão Bacamarte. Acentuava-se assim o conflito do médico com a comunidade, provocando um movimento de revolta da população, mais tarde sufocado com o auxílio de tropas do Rei. Embora Simão tenha superado este momento de acentuação do conflito, inclusive prosseguindo nos internamentos, ele chega a um impasse, considerando sua busca de universais relativos ao estudo da mente. Sua teoria jogou a quase totalidade da população na condição de exceção à regra da normalidade. Cabia, então, buscar uma nova definição, um novo universal que se adaptasse àquele contexto.

Estabelecendo a generalidade como critério exclusivo na aferição da “normalidade” dos comportamentos, o “eminente médico de Portugal e Espanhas” retira-lhes seu caráter histórico e lança-se na busca de absolutos. Assim, o médico se rende à realidade e modifica sua teoria, invertendo suas primeiras colocações. O “perfeito equilíbrio” deixa de ser identificado à razão, passando a ser visto como sinônimo de loucura:

De fato O Alienista oficiara à câmara expondo:
- 1º, que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde, que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento;
2º, que esta deslocação da população levava-o a examinar os fundamentos da sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º, que desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era

aquela, mas a oposta, e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto [...] (ASSIS, 1984, p. 45).

Como de cientista e “trabalhador”, poderíamos entender sua primeira teoria como de recusa às manifestações de personalismo e cordialidade, identificadas a sintomas de desequilíbrio mental. Já na segunda teoria, serão as mesmas manifestações consideradas normais: o que antes refutava, agora vai buscar nos conterrâneos. Revela-se a força da cultura local, impondo seus valores àquele médico, vulnerável por não reconhecer a arbitrariedade de conceitos como o da normalidade. Simão adequou sua concepção de loucura ao padrão de comportamento presente naquela sociedade. Desta feita, a cordialidade, o personalismo, a ganância e mesmo a desonestidade, antes objeto de sua intervenção saneadora, convertem-se em parâmetros de um comportamento dito “normal”:

Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos; isto é, os loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de simplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc. (ASSIS, 1984, p. 50).

Aliando sua teoria com métodos de cura por ele desenvolvidos, o médico passa a dar alta aos honestos que se corrompem, aos humildes que se tornam vaidosos, àqueles que reclamam para si privilégios injustificáveis.

Com efeito, era difícil imaginar mais racional sistema terapêutico. Estando os loucos divididos por classes, segundo a perfeição moral que em cada um deles excedia às outras, Simão Bacamarte cuidou de atacar de frente a qualidade predominante. Suponhamos um modesto. Ele aplicava a medicação que pudesse incutir-lhe o sentimento oposto; e não ia logo às doses máximas, — graduava-as, conforme o estado, a idade, o temperamento, a posição social do enfermo. Às vezes bastava uma casaca, uma fita, uma cabeleira, uma bengala para restituir a razão ao alienado; em outros casos a moléstia era mais rebelde; recorria então aos anéis de brilhantes, às distinções honoríficas, etc. (ASSIS, 1984, p. 51).

Cabe observar que o texto machadiano coloca o personagem Simão Bacamarte num deslocamento dentro de uma lógica aristotélica. Incapaz de questionar a epistemologia que sustenta seus modelos teóricos, Simão oscila entre o Verdadeiro e o Falso. Fiel aos princípios da não-contradição e do terceiro excluído, não enxerga a loucura como uma inter-relação complexa entre padrões culturais. Mesmo como doença, é possível uma leitura da enfermidade ligada ao imaginário social, o que um discurso do final do século XIX, disfarçado sob um personagem do século XVIII, não representa. O poderoso efeito estético atingido pela narrativa de Machado reside exatamente na ironia que resulta do aprisionamento nessa lógica limitada, incapaz de descrever as nuances da relação entre loucura e padrões socioculturais. Em síntese, podemos dizer que Simão Bacamarte cai numa primeira armadilha ao buscar universais no estudo da loucura, desconhecendo a arbitrariedade de conceitos como os de “normal” e “patológico”, diferentes em cada cultura. Desconhece também seu lugar social, condicionante de suas observações. Serão estes os elementos que vão permitir àquela cultura se impor a Simão, passando de opositor a instrumento de socialização daquela ordem.

A conversão de Simão Bacamarte

A ação do médico tornou-se contraditória ao longo do texto. Ao persistir na busca de universais aptos a normatizar o comportamento individual naquela sociedade, acaba por reforçar o que antes tomava como seus vícios. Possibilidade de “progresso”, ao início da narrativa, converte-se em elemento socializador de uma ordem tradicional ao seu final, quando passa a reforçar os padrões dominantes em Itaguaí. Inverte-se, assim, seu projeto inicial, quando o internamento na Casa Verde, entendido como punição pela população local, passa a se voltar contra aqueles que não se adaptam aos padrões de comportamento naquela comunidade.

Se a ação de *O Alienista* assume esta postura socializadora é porque, antes, seu agente foi socializado por aquela ordem tradicional. A possibilidade de seu conhecimento converter-se em instrumento de imposição de uma ordem anteriormente repudiada por ele dependeu, em primeira instância, de seu desconhecimento do caráter arbitrário do comportamento humano. Arbitrário no sentido em que a Antropologia, rompendo com a tradição evolucionista, costuma empregar, de modo que o contraste entre comportamentos de grupos distintos deixa de ser avaliado em termos de maior ou

menor racionalidade, desenvolvimento, naturalidade. Assim, quando a Sociedade instituiu determinados padrões e não outros, tal eleição se deve a fatores de caráter histórico, e não a um pretensão vínculo entre o comportamento observável e a “natureza humana”. Ao modificar sua primeira teoria e passar a identificar a loucura ao “perfeito equilíbrio”, a figura de Simão expressa a do cientista que se rende, sem saber, ao meio social em que vive. *O Alienista* gradativamente incorpora valores como clientelismo, manutenção de privilégios, em suma, aquilo que Sérgio Buarque classificaria como personalismo e cordialidade. É um processo que acompanha Bacamarte desde o início de funcionamento da Casa Verde, quando, num ato de privilégio das relações pessoais, emprega os sobrinhos de seu amigo, Crispim Soares na administração daquela instituição mantida com fundos públicos.

Relações de parentesco também são mobilizadas, ao final da narrativa, na “cura” de outro paciente. Há, neste caso, o recurso a um primo do alienado que ocupa posição de prestígio em Portugal. Este processo é interessante, não só porque ilustra os objetivos da terapêutica de *O Alienista*, como também sua convivência com um comportamento antes repudiado:

Outro doente, também modesto, opôs a mesma rebeldia à medicação [...] Simão Bacamarte lembrou-se de pedir para ele o lugar de secretário na Academia dos Encobertos estabelecida em Itaguaí. Os lugares de presidente e secretários eram de nomeação régia, por especial graça do finado rei Dom João V, e implicavam o tratamento de Excelência e o uso de uma placa de ouro no chapéu. O governo de Lisboa [...] cedeu excepcionalmente à súplica; e ainda assim não o fez sem extraordinário esforço do ministro da marinha e ultramar, que vinha a ser primo do alienado. Foi outro santo remédio (ASSIS, 1984, p. 51-52).

Reencontramos aqui o homem cordial, personalista, movendo-se no terreno do informal. Qual seria o impacto da nova teoria de Simão Bacamarte na vida de Itaguaí? Neste sentido, é exemplar a internação do vereador Galvão, uma das reservas morais da cidade. O caso ocorre quando a câmara de Itaguaí vota uma lei, em que os vereadores garantiam sua imunidade diante de futuras investidas do médico, criando-se, assim, um grupo de privilegiados. Único a se colocar contra a aprovação desta lei, cuja propositura Simão considera prova de desequilíbrio suficiente para deixar seus autores fora da Casa Verde, Galvão é internado.

[...] Foi adotada, sem debate, uma postura, autorizando *O Alienista* a agasalhar na Casa Verde as pessoas que se achassem no gozo do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. E porque a experiência da câmara tivesse sido dolorosa, estabeleceu ela a cláusula de que a autorização era provisória, limitada a um ano, para o fim de ser experimentada a nova teoria psicológica, podendo a câmara, antes mesmo daquele prazo mandar fechar a Casa Verde [...] a cláusula porém, era a melhor prova de que eles não padeciam do perfeito equilíbrio das faculdades mentais. Não acontecia o mesmo ao vereador Galvão, cujo acerto na objeção feita, e cuja moderação na resposta dada às invectivas dos colegas mostravam da parte dele um cérebro bem organizado; pelo que rogava à câmara que lho entregasse (ASSIS, 1984, p. 48).

Em sua terapia, Simão converte o modesto em arrogante, o honesto em desonesto, reclassifica as patologias anteriores como sintomas de normalidade. Chegamos, enfim, a um novo equilíbrio em Itaguaí: *No fim de cinco meses e meio estava vazia a Casa Verde; todos curados!* (ASSIS, 1984, p. 52). Em suma, *O Alienista* não venceu o meio, o meio o venceu. O último ato será o do autointernamento, ato induzido em grande medida pelo Padre Lopes que demonstra a Simão ser ele o único “perfeitamente equilibrado” naquela comunidade, só cabendo a ele o autointernamento:

Isso é isto. Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral [...] A opinião foi afirmativa. [...] finalmente o padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:

- Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: - a modéstia.

Era decisivo, Simão Bacamarte curvou a cabeça juntamente alegre e triste, e ainda mais alegre do que triste. Ato contínuo, recolheu-se à Casa Verde (ASSIS, 1984, p. 54-55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM PARALELO COM O PRESENTE

Antes da volta de Simão Bacamarte a Itaguaí, sua população podia ser dividida em dois grandes grupos. O primeiro, majoritário, congregava aqueles com padrões de comportamento comuns à nossa formação histórica: personalismo e ausência de espírito público, ainda presentes

em nossa sociedade. Uma minoria somava-se a este, com um comportamento guiado por uma ética que privilegiava valores como os da humildade, do trabalho e honestidade. Complementava a população um grupo de loucos reconhecidos, indivíduos sobre os quais havia um acordo entre *O Alienista* e a comunidade sobre sua patologia.

Ao iniciar seus estudos sobre a loucura, Simão Bacamarte elege um padrão de normalidade e, a partir dele, empreende um esforço homogeneizador. Expulsa o diferente para a Casa Verde, chegando a reunir ali cerca de 80% da população. Rende-se, então, à generalidade da “loucura”, passando a considerá-la normal e mudando sua teoria. Existem dois desconhecimentos que condicionam a trajetória de Simão. Primeiro, o do caráter arbitrário dos padrões de comportamento, conduzindo-o a buscar no corpo o que era fruto da cultura. Chegando a este ponto, lhe foi impossível reconhecer na sua ação um ato de imposição de valores. O segundo, que lhe foi fatal: não reconhecer que vinha sendo socializado na mesma ordem que repudiava. Mais eficaz na imposição de seus valores, Itaguaí converte *O Alienista* em agente socializador. Assim, ele logra a homogeneidade do povo de Itaguaí, porém no padrão da cordialidade; o oposto do que inicialmente planejara. Como numa reação química em que dois elementos só se combinam na presença de um terceiro, Simão Bacamarte desempenhou o papel deste último. Concluída esta operação, o terceiro elemento, incapaz de ser absorvido à nova substância, dever ser expulso. Foi esta incapacidade que a assembléia de Itaguaí demonstrou. Como único equilibrado naquela comunidade, só lhe restava o exílio na Casa Verde.

Persistem a intenção saneadora do planejamento e as tensões que dela advém em período bastante posterior à obra de Machado. São José dos Campos, na década de 1930, foi moldada a partir de princípios relativos à cura da tuberculose. Destacase, neste período, o zoneamento da cidade estabelecido na gestão do prefeito Rodolfo Mascarenhas – prescrevendo suas zonas residenciais, comercial, industrial e sanatorial; acompanhada de extensa legislação regulamentando as edificações urbanas. Esta também não se faz de modo pacífico. A legislação reitera a tensão de segregações de espaços físicos e sociais, entre saúde e doença, e o discurso da elite joesense – planejadora de um projeto de cidade – em relação aos doentes e forasteiros: “[...] estamos diante de um jogo de espelhos que reduplica as tensões num *entrelugar*

que evoca discursos do medo sobre a tuberculose e que busca manter isolados os territórios da saúde e da doença.” (VILLARTA-NEDER; NOGUEIRA, 2008, p. 69).

O mesmo pode ser apontado na execução de propostas de planejamento participativo em diferentes setores da vida social. Não raro, nelas são observadas dificuldades marcadas pela diversidade cultural. No exemplo das polícias comunitárias, encontramos um relacionamento Poder Público/população que compreende tanto atitudes de desconfiança e recusa à participação, como de sua privatização e uso, como capital político, em campanhas eleitorais (NEVES, 2007). Essas atitudes são legitimadas por um discurso do planejador onisciente, estritamente técnico, que se coloca acima da população, esquecendo que *O plano diretor não é uma peça puramente científica e técnica, mas uma peça política, vinculada tão-somente aos poderes e atribuições de um governo municipal* (VILLAÇA, 1999, p. 245).

Desta forma, falta muitas vezes aos planejadores, autoproclamados portadores exclusivos do saber-fazer, a mesma percepção que encontramos em Boaventura S. Santos que, estudando uma favela carioca nos anos 1970, encontrou outra ordem norteando a vida de sua população: legítima, não criminosa; apenas outra ordem, forjada na exclusão do acesso à Justiça oficial (SANTOS, 1980). O desconhecimento do Outro, a tentativa de impor uma técnica que menospreza valores arraigados na população destinatária podem conduzir ao fracasso na implantação de políticas públicas. “Idéias fora do lugar”, como já nos alerta Roberto Schwartz (2000), que dão azo à resistência silenciosa e à revolta sendo, por fim, vencidas pela cultura local. Nisto, podemos nos referir ao “bronzeamento” da consciência de Simão Bacamarte que, sem abrir mão da Racionalidade Científica, acaba por reproduzir os valores de Itaguaí.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, M. **O alienista**. São Paulo: Ática, 1984.
- BUARQUE de HOLANDA, S. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- FERNANDES, F. A. Personalidade do marginal. In: LEITE, D. M. **Personalidade**. São Paulo: Editora Nacional, 1967. p. 19-26.
- FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- MACHADO, R. et al. **Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- NEVES, P. S. C. Polícia comunitária e participação social na segurança pública em Sergipe. **Revista da FAPES**, v. 3, n. 1, p. 71-76, 2007.
- RAMOS, F. A. C.; GEREMIAS, L. **Instituto Philippe Pinel: origens históricas**. Disponível em: <http://www.sms.rio.rj.gov.br/pinel/media/pinel_origens.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2006.
- SANTOS, B. S. Notas sobre a história jurídico-social de Pasárgada. In: SOUTO, C.; FALCÃO, J. (Org.). **Sociologia e direito: textos básicos de sociologia jurídica**. São Paulo: Pioneira, 1980. p. 109-117.
- SCHWARTZ, R. **Ao vencedor as batatas**. 5. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- VILLAÇA, F. Dilemas do plano diretor. In: CEPAM. **O município no século XXI: cenários e perspectivas**. São Paulo: Fundação Prefeito Faria Lima-CEPAM, 1999. p. 237-247.
- VILLARTA-NEDER, M. A.; NOGUEIRA, T. F. São José dos Campos: construção de identidades através de discursos sobre a tuberculose. In: PAPALI, M. A. (Org.). **Histori (Cidade)s: um olhar multidisciplinar**. São Paulo: Annablume; São José dos Campos: Univap, 2008, p. 53-72.

Recebido: 17/12/2008

Received: 12/17/2008

Aprovado: 02/06/2009

Approved: 06/02/2009

Revisado: 21/12/2009

Reviewed: 12/21/2009